

HARLEQUIN®

Sabrina®



Lynne Graham
UMA REVIRAVOLTA
INESPERADA DO DESTINO

Sabrina®

UMA REVIRAVOLTA
INESPERADA DO DESTINO

Lynne Graham



Editado pela Harlequin Ibérica.
Uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2021 Lynne Graham
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
Uma reviravolta inesperada do destino, n.º 1906 - novembro 2022
Título original: The Greek's Convenient Cinderella
Publicado originalmente pela Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização da Harlequin Books, S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas pertencentes à Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e pelas suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem da capa utilizada com a permissão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1141-267-4

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Todos os que estavam sentados à volta da mesa comprida da sala de reuniões ficaram a olhar, atónitos, para a bela Althea Lekkas quando exclamou:

- Lamento muito, mas... quero cancelar o casamento!

- O quê?! Não podes fazer isso! - repreendeu-a o seu pai, Linus, levantando-se como uma mola com os punhos cerrados. - Ter um chilique a estas alturas! Se fizeres isso... deserdote!

Jude Alexandris quase se riu ao ouvir essa ameaça melodramática do seu futuro sogro, que estava tão empenhado nesse casamento que causava rubor. Claro que estava habituado a ser visto como a galinha dos ovos de ouro por causa da fortuna da sua família, mesmo que esse dinheiro nunca os tivesse feito felizes.

O seu avô era um idoso amargurado e manipulador que sobrevivera a três esposas. O seu pai, Dion Alexandris, filho único como ele, fora um homem de negócios bem-sucedido, mas um desastre como pai e como marido. A sua mãe, Clio, depois de ter sido enganada pelo seu marido e afastada do seu filho, concentrara-se em restaurar uns jardins de fama mundial e fora a única coisa que parecia ter-lhe proporcionado alguma felicidade.

Quanto a ele... Jude só se lembrava de ter sido verdadeiramente feliz uma vez, com vinte e um anos, quando se sentira como o rei do mundo porque se apaixonara por Althea e achara que ela também o amava.

Contudo, Althea fora-lhe infiel, o que matara o seu amor por ela e se, agora, sete anos depois, iam casar-se, era apenas por conveniência. Por causa das destrezas do seu avô e da pressão sobre ele, Jude vira-se obrigado a procurar uma esposa depressa. Althea acabara de se divorciar de um casamento breve e desastroso e pensara que, casando-se com ele, conseguiria libertar-se, como ansiava, das expectativas da sua família.

Quando Althea começou a chorar, Jude levantou-se e perguntou se havia alguma sala vazia onde pudesse falar a sós com ela. Um dos membros da sua equipa legal levantou-se e conduziu-os para um pequeno escritório. Quando saiu, fechando a porta e deixando-os a sós, Althea disse-lhe, entre soluços:

- Desculpa, não tencionava contar-to assim, de repente... e muito menos à frente de toda essa gente... mas não conseguia seguir em frente com isto! Não estaria bem... Não sei quanto a ti, mas não estaria bem para mim...

- Tens a certeza de que não são apenas nervos por causa do casamento? - perguntou Jude, apoiando-se na porta.

Tinham ido ao escritório para assinar o acordo pré-nupcial e o casamento ia celebrar-se dentro de uma semana. Jude só precisava de uma cerimónia rápida, na Conservatória, mas Althea decidira que queria um casamento grande e os preparativos tinham demorado semanas.

O problema era que, agora, com todo o tempo que tinham perdido, só lhe restavam alguns meses. Se não se casasse antes de fazer os trinta anos, a sua mãe, Clio, ver-se-ia forçada a abandonar a casa e os seus amados jardins e ele não poderia fazer nada para impedir a dor que lhe causaria.

A sua mãe vivia numa propriedade da família Alexandris que ele só herdaria quando o seu avô, Isidore, falecesse e ele estava a usá-la como ameaça para o obrigar a casar-se.

A sua mãe podia ser uma pessoa difícil às vezes, mas não queria vê-la sofrer.

- Não, não são nervos. - A loira Althea tirou um lenço da sua mala e limpou as lágrimas com cuidado para não descolar as suas pestanas falsas. - De repente, compreendi que ia casar-me contigo pelas razões erradas, que esperaria mais de ti do que estavas disposto a dar e que, quando chegasse o momento, não queria que este casamento acabasse. Não seria justo para ti ou para mim, portanto, decidi voltar atrás porque valorizo a tua amizade e não quero perder isso também. Não, não digas nada - murmurou, num tom trémulo, quando ele franziu o sobrolho e abriu a boca para responder. - Estou a fazer o correto pelos dois e sabes. Nunca voltarás a sentir o que sentias por mim. Estraguei tudo quando fui para a cama com o teu melhor amigo. E, agora, ainda por cima, deixo-te metido num sarilho... - acrescentou, com um sorriso triste. - Já para não mencionar como o meu pai ficará furioso por causa de todo o dinheiro que o fiz gastar para nada...

- Eu pago esses gastos - propôs Jude, dando um passo para ela e segurando-lhe a mão.

- Não posso permiti-lo! - protestou ela, afastando a sua mão com suavidade. - Não quando fui eu que voltei atrás. Acabo sempre por cometer um erro.

- Não, a culpa é minha - replicou ele. - Para começar, nem sequer devia ter-te contado o que o meu avô ameaçava fazer se não me casasse.

- Somos amigos. Fui eu que me ofereci para te ajudar - recordou-lhe Althea. - Não, a culpa é minha porque não superei o fim da nossa relação e porque ansiava a notoriedade que teria se me casasse contigo, mas tu não és um troféu e envergonha-me ter-me deixado levar pela minha vaidade.

Jude suspirou.

- Bom, voltemos para a sala de reuniões e lidemos com os efeitos colaterais.

- Mas... o que vais fazer agora? - perguntou Althea, estudando o seu rosto com um brilho calculista no olhar.

- Procurar outra esposa... uma que não tenha uma consciência tão nobre que a persuada a voltar atrás, como tu - murmurou Jude, mordendo a língua para não lhe dizer que duvidava muito desses sentimentos que dizia que ainda albergava por ele.

- Não encontrarás ninguém com tão pouco tempo - indicou Althea. - Seria melhor pensares no que estarias disposto a oferecer-me para me fazer mudar de opinião.

O problema era que Jude não estava disposto a oferecer-lhe mais do que já oferecera e ela parecia empenhada em evitar o facto de que, se realmente o amasse, não teria ido para a cama com outro e de já não serem adolescentes. Ela fora o seu primeiro amor, o seu único amor, mas, para ele, a fidelidade era algo essencial num casal e, embora a tivesse perdoado e continuassem a ser amigos, Althea destruíra esse amor que sentira por ela.

Era tão ingénua que pensava que, com um bom gesto ou umas palavras bonitas, conseguiria reverter as consequências dos seus atos, mas ele era retorcido por causa das vivências que lhe tinham roubado a inocência quando ainda era uma criança.

Uma das suas primeiras lembranças era dos seus pais a discutir por causa das infidelidades do seu pai. Recordava vivamente a atitude desafiante e arrogante do seu pai e a dor da sua mãe e as suas recriminações.

Depois de ter descoberto a primeira infidelidade do seu pai, pouco antes de ele nascer, o despeito levava a sua mãe a dar-lhe o nome de «Judas». Assim, transformara-se no símbolo de tudo o que a sua mãe sofrera e suspeitava que ainda o via desse modo.

Quando o divórcio entre os seus pais se tornou inevitável, o seu avô, que detestava a sua mãe, mexera céu e terra para se certificar de que o seu pai ficava com a custódia e

de que a sua mãe veria o seu filho o menos possível. Também lhe mudara o nome para «Jude».

«És um Alexandris», dissera a sua mãe, numa das suas visitas breves. «Quando cresceres serás como o teu pai, um embusteiro e um *Don Juan*. Está no teu sangue, não vais conseguir evitá-lo.»

Contudo, Jude era rebelde por natureza e, a partir desse instante, jurara que nunca seria como o seu pai. Ao fim e ao cabo, vivera na pele as consequências da incapacidade do seu pai de manter uma relação estável com qualquer mulher. Casara-se várias vezes, para além de ter incontáveis amantes. Depois de uma vida de excessos e emoções fortes, morrera num acidente de viação por conduzir a mais velocidade do que a permitida.

Jude estava prestes a ir-se embora quando um dos advogados o abordou.

- O que tenciona fazer agora? - perguntou.

Jude olhou para ele, perturbado com semelhante familiaridade, enquanto tentava recordar como se chamava aquele tipo.

- Desculpe? - inquiriu, com aspereza. - A que se refere, senhor...?

- Hetherington, Calvin Hetherington - respondeu o homem, erguendo os ombros. - Com a sua permissão, acho que o que precisa é de uma mulher a quem possa pagar para se casar consigo e que não tenha um ataque quando decidir pôr fim a esse casamento. De facto, conheço alguém que não lhe causaria nenhum problema e que se casaria consigo por uma soma previamente combinada e sem lhe pedir mais nada.

- Acho que não preciso de ajuda para encontrar uma mulher disposta a fazê-lo por dinheiro - murmurou Jude, irritado.

- Mas teria de ser uma mulher discreta, que se molde às condições que queira impor, não uma dessas jovens mimadas e caprichosas da sua classe social - repreendeu-o o senhor Hetherington.

Jude tinha de admitir que tinha razão nisso.

- E quem é essa candidata perfeita? - perguntou.

- A Tansy, a filha da minha falecida esposa. A minha namorada decidiu que não virá viver comigo até ela sair de casa - explicou Hetherington, revirando os olhos. - O problema é que a Tansy não tem dinheiro para ser independente nem um emprego.

- Sim. Bom, não é um problema meu - queixou-se Jude.

- Bom, mas olhe, deixo-lhe o meu cartão - disse o outro homem, dando-lho. - Ligue-me se mudar de opinião.

Jude entrou no elevador e pôs o cartão no bolso, mal-humorado. Porque é que aquele idiota presunçoso pensara que podia sugerir com quem devia ou não casar-se? Além disso, não estava suficientemente desesperado para se casar com uma perfeita estranha... ou estava?

Não, é claro que não. E, no entanto, gostava da ideia de uma mulher que jogasse segundo as suas regras e não o chantageasse ou voltasse atrás no último momento. Uma mulher que não sentisse nada por ele, que só aceitasse aquele casamento por conveniência por dinheiro...

E, o mais importante, uma mulher de quem poderia divorciar-se assim que fosse possível... sem problemas, sem remorsos... e sem consequências. Sim, embora a intromissão de Hetherington o tivesse incomodado, a verdade era que tinha razão.

Quando chegou ao seu apartamento, já tomara uma decisão. Pegou no cartão e marcou o número de Hetherington no seu telemóvel.

- Estou disposto a conhecer a sua enteada - disse. - Marque-me uma reunião com ela.

Tansy tirou a sua maninha Posy da banheira e embrulhou-a numa toalha. Ainda era apenas um bebé. O seu padrasto estava no andar de baixo, a chamá-la, portanto, pegou em Posy ao colo, apoiou-a na anca e saiu para o patamar.

- Estou cá em cima! - exclamou. - Vou deitar a Posy e já desço!

Posy rebolou em cima do fraldário quando estava a tentar vestir-lhe um pijaminha limpo, mas Tansy já tinha prática em vestir aquela menina travessa. Posy, de dez meses, com os seus caracolinhos loiros e os seus olhos azuis e grandes, era uma menina linda e alegre, mas a mãe de ambas morrera pouco depois de a trazer ao mundo.

Depois do funeral, a sua tia Violet dera-lhe um conselho muito duro: «Sai dessa casa e volta para a universidade. Retoma os estudos que a tua mãe te obrigou a abandonar. Essa menina é tua irmã, não é tua filha e não tens de te encarregar dela. Podes vir vê-la de vez em quando e continuar a fazer parte da sua vida, mas não debes nada a esse homem e a tua mãe já não está cá».

Tansy não sentia simpatia alguma pelo seu padrasto, Calvin, mas fora incapaz de se ir embora e abandonar a sua irmã recém-nascida. Calvin pedira-lhe para tomar conta de Posy até encontrar uma ama, mas, depois de todos esses meses, nem sequer começara a procurá-la e sentia que estava a aproveitar-se dela.

E não só isso, como também começara a ter encontros. Embora tivesse pouco mais de trinta anos - era bastante mais jovem do que a sua mãe -, não significava que não lhe parecesse de bastante mau gosto que tivesse retomado a sua vida amorosa tão depressa. Até aceitara que algumas das suas «amigas» ficassem a passar a noite, mas batera o pé quando Calvin pressionara a sua namorada atual, Susie, para se encarregar de Posy.

Não se teria interposto se Susie o tivesse feito de bom grado, se tivesse demonstrado que a menina era importante para ela, mas depressa ficara claro que era

demasiado irresponsável para se encarregar de um bebê. Uma tarde, por exemplo, Susie fora para a farra e deixara Posy sozinha e sem vigilância. E não fora o único incidente desse estilo.

E, mesmo que Susie não entrasse na equação, também não podia confiar no seu padrasto. Era evidente que Calvin não sentia afeto pela bebê. Quando se casara com a sua mãe, Rosie, uma mulher com um pequeno negócio que já passava dos quarenta, tornar-se pai não entrava nos planos de Calvin.

Aquela gravidez inesperada fizera a sua mãe muito feliz, mas Calvin não sentira o mesmo e a morte da sua esposa não fizera com que aceitasse as suas responsabilidades como pai. Embora vivessem sob o mesmo teto, comportava-se como se a sua filha não existisse para ele.

O seu padrasto dissera mais de uma vez a Tansy que já estava na hora de se tornar independente - a sua mãe deixara-lhe a casa e o negócio, um salão de beleza -, e, se não fosse pela sua irmã mais nova e porque não tinha um emprego, tê-lo-ia feito.

- Vem cá e senta-te - disse Calvin, quando desceu as escadas e entrou na sala. - Temos de falar.

- Sobre o quê? - inquiriu Tansy, à defesa, ficando de pé e olhando, receosa, para o homem vaidoso, superficial e egoísta com quem a mãe se casara.

- Olha, vou ser completamente sincero contigo - disse o seu padrasto, levantando-se do sofá e pondo as mãos nos bolsos. - As coisas não estão bem e, se continuarem assim, acabarei por enfrentar a bancarrota.

Tansy empalideceu.

- Mas isso é impossível... Só vendeste o salão de beleza da mamã há alguns meses!

O seu padrasto suspirou.

- O negócio da tua mãe estava asfixiado pelas dívidas.

- Mas tinha muito sucesso! - exclamou Tansy, espantada.